



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Estudo de Contribuições Africanas na Arquitetura Brasileira: Caso do Elemento Arquitetônico “Adinkra” dos Povos Akan nas Arquiteturas do Centro Histórico de Belém do Pará.

Estudio de las Contribuciones Africanas en la Arquitectura Brasileña: Caso del Elemento Arquitectónico Adinkra de los Pueblos Akan en las Arquitecturas del Centro Histórico de Belém do Pará.

Study of African Contributions in Brazilian Architecture: Case of the Adinkra Architectural Element of the Akan People in the Architectures of the Historic Center of Belém do Pará.

Pérès Ricardo Ametonou Songbe¹

INTRODUÇÃO

O artigo é resultado da monografia de Conclusão no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará², motivada pelas minhas experiências de vida na minha terra natal, o Benin, um país do oeste da África. Em 2017, cheguei no Brasil para o meu intercâmbio na Universidade Federal do Pará, tendo escolhido o país por causa dos laços históricos, ancestrais e culturais que temos. Chegar no Brasil foi uma experiência de muitas descobertas em relação ao quanto a África é presente neste

¹ Arquiteto e Urbanista (FAU UFPA), Bacharel em Biologia e Geologia(UAC-BENIN), Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo(FAU-USP), Especialista em Arquiteturas Africanas ; Bolsista CAPES, PPGAU/FAU/USP, Fundador do INSTITUTO SONGBE de Estudos e Pesquisas de Ciências e Tecnologias Ancestrais Africanas (BENIN) ; e-mail: architecte.songbe@gmail.com / p.songbe@usp.br / <https://lattes.cnpq.br/3092607578894387> (Pesquisa realizada e finalizada em 2023 no final da minha graduação em Arquitetura e Urbanismo Orientado por Cybelle Salvador Miranda, Professora Doutora Titular da Faculdade de Arquitetura e urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Pesquisadora PQ 2 CNPq. Coordenadora do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO) Líder do Grupo Arquitetura, memória, etnografia AME. <https://orcid.org/0000-0001-5913-989X>)

² Defendido no ano de 2023.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

vasto país da América latina, muitos aprendizados, surpresas, experiências positivas como negativas, uma conexão surreal entre o Continente Africano e o Brasil, mesmo que passe despercebido aos olhos de muitos. Eu sempre digo que toda vez que um Afro-brasileiro e um Africano se encontram, é um reencontro ancestral. A minha experiência foi e tem sido incrivelmente enriquecedora.

Por outro lado, como nativo de um país africano, a minha chegada ao Brasil foi um choque de narrativa, tendo que confrontar, enfrentar uma narrativa que me coloca e coloca todo meu povo num lugar de miseráveis, inúteis, selvagens, sem capacidade cognitiva, pessoas sem valor que não contribuíram com nada na história da humanidade, tal como é ensinado para os negros Brasileiros. Enfim, a lista dos estereótipos e preconceitos é longa. Tudo isso, baseado num racismo muito profundo no Brasil. É interessante enfatizar que, antes do Brasil, eu não conhecia o Racismo.

Desde o aeroporto, desde meu primeiro contato com o Brasil, tenho percebido e lido em cada detalhe a presença Africana, quer seja no jeito das pessoas, na língua portuguesa, na culinária, nas religiões, nas danças, nas músicas, nas artes, nas atividades humanas e até na arquitetura, que é a parte que mais me chamou atenção. De lá pra cá, ao longo dos anos, meu cotidiano sempre foi de muita observação, e também em todos os estados do Brasil que já visitei como, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pará, a minha percepção de presenças africanas é a mesma. Com o tempo se tornou algo que despertava cada vez mais a minha curiosidade e eu penso em como compartilhar a minha visão, meu olhar, essa narrativa desconhecida, a perspectiva do “colonizado”. Foi então, que um dos aspectos das minhas observações e percepções virou o tema do meu trabalho de conclusão de curso: a presença dos *Adinkra*, simbologos gráficos africanos, na arquitetura brasileira.

Não obstante, quando comecei meu curso em Arquitetura e Urbanismo, sempre me interessei pela presença africana na arquitetura brasileira, mas sempre ouvi que estas não existiam. Isso porque “mostrar a presença das tecnologias africanas e



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

afrodescendentes no Brasil implica contrapor a visão segundo a qual a população negra não detinha conhecimentos sofisticados, o que constitui uma tentativa de rompimento com as noções construídas a partir do racismo epistemológico muitas vezes institucionalizado”. (CUNHA JÚNIOR, 2016, s.p.). Era a narrativa que imperou na minha formação. Todavia, no meu trabalho final prevaleceu outra narrativa, a narrativa descolonizadora.

O objetivo deste estudo é contribuir para trazer visibilidade sobre as contribuições africanas na arquitetura brasileira, especificamente os elementos arquitetônicos africanos *adinkra* e abrir um debate sobre o ensino das contribuições das arquiteturas africanas na arquitetura brasileira, pois a África também faz parte da história do Brasil. E, dessa forma, resgatar memórias importantes para a construção da identidade e história dos africanos da diáspora brasileira e também para a reconstituição da história das produções arquitetônicas africanas no Brasil. apresentando os *adinkra* na sua dimensão de elemento arquitetônico, de sistema de escrita, de tecnologia ancestral, de cultura, de identidade, de forma de comunicação e de resistência que atravessa o tempo.

Para este estudo, foi realizada pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com levantamento fotográfico de elementos arquitetônicos *Adinkra* identificados nas fachadas de edificações especificamente nos bairros de Campina e Cidade Velha, em 2023. Para o reconhecimento dos elementos identificados e seus significados, foi utilizado também o dicionário oficial do sistema de escrita que lançou-se mão. Pretendeu-se também quantificar os elementos encontrados nas áreas estudadas. Além disso, realizou-se uma análise de valor desses elementos para o patrimônio africano e paraense. Tudo isso, de modo a contribuir ao conhecimento do valor cultural e histórico desses elementos arquitetônicos *Adinkra*.

O artigo está dividido em tópicos que abordam desde a importância da memória e tradição em África, os sujeitos escravizados deslocados para a Amazônia paraense, a



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

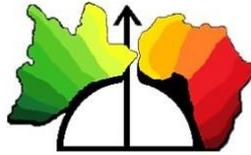
demografia e os diferentes modos de trabalho. Analisa as tecnologias africanas transportadas na memória dos corpos negros e seus simbolismos e a linguagem adinkra identificadas na pesquisa de campo. E, por fim, uma análise conclusiva sobre o estudo.

Memória e Tradição em África e seus apagamentos na diáspora

A visão de mundo africana é profundamente enraizada em tradições ancestrais e na valorização da memória coletiva. Nesse sentido, memória e tradição desempenham um papel fundamental na visão de mundo africana e na vida daqueles que enfrentaram colonização, escravidão e diáspora.

Falando de memória, há um provérbio africano que diz “se você não sabe para onde vai, lembre-se de onde você vem”. Essa sabedoria africana nos ensina que se você não sabe de onde você vem, você não saberá para onde ir. Na visão de mundo africana, a memória é fundamental para a construção da identidade de um povo, da compreensão da sua história, bem como da sua direção e da construção do seu futuro. A tradição é vital para manter e preservar essa identidade, cultura, valores, costumes e conhecimentos ancestrais através da transmissão oral, prática ou escrita dando continuidade a esses. Ela é essencial para a existência de um povo. No contexto da diáspora, o processo de apagamento de memórias e tradições é muito mais violento. Os africanos deportados sofreram apagamentos propositais dos seus nomes, línguas, identidade, histórias, culturas, mas também das suas contribuições científicas e tecnológicas, de modo que “escrever a história dos vencidos necessita de elementos que não constam nos livros oficiais” (BENJAMIN *apud* MIRANDA, 2016, p. 421).

Percebemos que esses livros oficiais não incluem esses grupos e, muitas vezes, distorcem fatos históricos para atender uma agenda colonialista e de manutenção da dominação estabelecida sobre os grupos “vencidos”. E assim, privando essa parte da população das suas memórias e do pertencimento a uma história e sociedade em que tiveram participação importante. Portanto, esse apagamento de memórias e interrupção



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

de tradições impacta negativamente a identidade coletiva, mas também a identidade individual.

A Significativa Presença de Trabalhadores Escravizados Africanos em Belém: Origem, Tráfico, Demografia e Transferência de tecnologias

Diferente do que se diz, hoje em dia, a cidade de Belém do Pará já foi um dos importantes centros receptores e também distribuidor de uma grande quantidade de trabalhadores africanos escravizados como mão-de-obra.

Entre os anos de 1810 e 1850, a presença de trabalhadores escravos em Belém era significativa. Em termos demográficos, essa população representava quase metade da população da cidade, formada pelas freguesias urbanas da Sé e Campina (PALHA, 2011). A cidade de Belém teve uma presença significativa de trabalhadores escravizados africanos que viram a cidade crescer e foram também atores importantes na sua construção.

Os escravizados africanos, além de desempenharem papéis importantes no cotidiano no funcionamento e construção da cidade, também deixaram influências evidentes de suas culturas e de seus conhecimentos em diversas áreas como na arquitetura. Eles vieram principalmente de lugares localizados nas regiões ocidental, central e oriental africanas. Esse aspecto comprova também, a presença dos povos Akan da África ocidental, responsáveis pelas características arquitetônicas objetos do nosso estudo e que pretende-se apresentar aqui.

Além de ser um dos maiores centros receptores de mão-de-obra escravizada, o Pará também era temido por ser a região onde os senhores de escravos eram os mais cruéis e mais rigorosos do Brasil, pela forma que maltratavam e exploravam seus escravizados. Escravizados de outras regiões do Brasil temiam o Norte, pois, às vezes, alguns eram enviados para cá como forma de castigo.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Segundo Bárbara Palha:

Os escravos que chegaram a Belém e permaneceram nesta cidade, entre os anos de 1810 e 1850, visto que a cidade era também centro distribuidor da mão de obra escrava, foram testemunhas e atores em diversos processos políticos, econômicos e sociais. Viram a cidade se agitar e florescer economicamente, a partir de 1810, com a importação e exportação de diversos produtos nacionais e estrangeiros. Mantiveram-se na expectativa de serem libertos por uma lei da abolição que não veio com a independência. Participaram diretamente no movimento social da Cabanagem, entre 1835 e 1840, levantando como bandeira a liberdade, ainda que restrita, que também não veio (PALHA, 2011, p. 76).

A composição da população da cidade nos anos 1820 a 1830 era de pelo menos metade de homens e mulheres escravos e libertos, segundo a autora. Nas ruas das então freguesias da Sé e da Campina ocorriam as negociações de trabalhadores, cujas atividades eram de carpinteiro, barbeiro, ferreiro, alfaiate, oleiro, calafate, serrador, marceneiro, pedreiro e padeiro.

Transferência de Tecnologias por Africanos Escravizados em circulação atlântica

A África é o continente mais antigo do mundo, com centenas de milhares de anos de história. Antes do seu contato com invasores e colonizadores, já havia reinos e impérios organizados que detinham conhecimentos sofisticados e avançados em diversas áreas.

A deportação de trabalhadores escravizados africanos pelo mundo, ocorreu juntamente com a transferência de culturas e conhecimentos desses povos africanos. Eles não eram apenas corpos sem conteúdo, sem culturas ou sem conhecimentos sofisticados. O mesmo aconteceu no Brasil, onde seus conhecimentos na construção e arquitetura, agricultura, mineração, metalurgia, ferraria, cerâmica, marcenaria, carpintaria, fabricação de tecidos, artesanato, escultura, medicina tradicional com conhecimento sobre diversas plantas e muitos outros eram úteis para a exploração nas Américas. Deste modo, os trabalhadores africanos escravizados introduziram diversas tecnologias



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

africanas no Brasil. No entanto, vamos abordar especificamente, suas influências na metalurgia do ferro, a ferraria e a arquitetura de ferro.

De acordo com Libby (1988), a população africana foi a responsável por trazer a metalurgia ao Brasil por meio da introdução de processos de fundição de metais (e em particular do ferro), primeiro na capitania de Minas Gerais e, posteriormente, em outras regiões. Essa afirmação contradiz argumentos de outros autores, como Eschwege (1979), para quem a metalurgia no Brasil foi introduzida pelos portugueses no final do século XVI a partir de Sorocaba-SP (DIAS, 2020).

Além da presença de outras tecnologias africanas na construção e na arquitetura que mais conhecemos, como por exemplo a Taipa de pilão, o Adobe, a Cantaria, vamos abordar aqui especificamente a arquitetura de ferro, onde os trabalhadores escravizados africanos utilizaram das suas habilidades, culturas e conhecimentos em metalurgia, ferraria e arquitetura para introduzir elementos arquitetônicos em ferro representando simbologias que derivam de um sistema de escrita dos povos Akan conhecido como *Adinkra*. *Adinkra* é uma tecnologia ancestral africana, um sistema de escrita e elementos arquitetônicos presentes em edifícios coloniais e atuais por todo o Brasil.¹

Figura 1: Áreas de Estudo na Cidade de Belém



Fonte: ARRUDA;SANJAD, 2017

Fonte: ARRUDA; SANJAD (2017, p.354).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Neste artigo, realizou-se um estudo específico sobre o centro histórico de Belém. No entanto, não se pretende trazer uma análise de todos os edifícios influenciados nas áreas mais antigas da cidade. Pretende-se, apenas, apresentar um inventário, levantamento realizado em prédios de três ruas e avenidas específicas, identificando a presença de alguns desses elementos arquitetônicos como forma de trazer visibilidade sobre seu valor cultural e histórico.

Conforme mencionado acima, o nosso estudo ocorre nos bairros da Cidade Velha e da Campina, que são respectivamente, os bairros mais antigos de Belém do Pará (PALHA, 2011). A Sé ou Cidade Velha, o primeiro bairro da cidade de Belém, formou-se desde 1616. E o bairro da Campina, o segundo, teve sua formação iniciada a partir do século XVIII, mais precisamente no ano de 1727.

Toda presença de trabalhadores escravizados africanos, como abordada anteriormente, começou nesses bairros, onde os escravizados viram a cidade crescer e foram também atores da sua construção, principalmente aqueles chamados “escravos da nação”, que pertenciam ao governo e que realizavam atividades em estabelecimentos e obras públicas (PALHA, 2011).

O levantamento foi realizado em duas vias da Campina e uma da Cidade Velha: - a atual Avenida 16 de novembro, já possuiu a denominação de estrada de São José pelo fato de conduzir ao convento e ao presídio São José. Num dos trechos desta via era localizado o antigo Jardim Botânico do Pará, sendo desativado ao longo do final do século XIX e início do século XX.

- A Rua Senador Manoel Barata é uma das vias mais antigas da cidade de Belém do Pará, assim como a Rua Siqueira Mendes.
- A Rua Doutor Assis é um importante via localizada na Cidade Velha, bairro da capital do Pará. Entre os imóveis localizados na via, encontram-se importantes casarões históricos.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Sobre a Linguagem *Adinkra*

Origem e Contexto Histórico



Fonte: desconhecida
Figura 2: Mapa do Continente Africano especificando a região Oeste, onde há maior concentração dos povos Akan e uma imagem de uma família Akan vestida com tecidos tradicionais com símbolos Adinkra, [S.d]. [Fonte: Desconhecida].

Os símbolos *Adinkra* originaram-se dos povos Akan das atuais regiões do Gana, Costa do Marfim, Togo e Benin, por volta do século XI. Outros estudiosos, como o Professor Kwame Alou Rene, sugerem datações mais antigas e que a sua origem está perdida na antiguidade.

Acredita-se que os símbolos *Adinkra* tenham origem especificamente em Gyaman, um antigo reino na atual Costa do Marfim. De acordo com uma lenda Asante (Akan), *Adinkra* era o nome de um rei dos Gyaman (Nana kofi Adinkra). *Adinkra* foi derrotado e capturado em uma batalha pelos Asantes por ter copiado o “Banco de Ouro”, que representa para eles o poder absoluto e a coesão tribal.

Ele foi finalmente morto e seu território anexado ao reino de Asante. A tradição dizia que Nana Adinkra usava roupas estampadas, que era interpretado como uma forma de



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

expressar seu pesar por ter sido levado para Kumasi, a capital de Asante. Adinkra também significa 'adeus' ou 'adeus' em *Twi*, a língua do Grupo étnico Akan do qual Asante faz parte. Foi, portanto, tradição dos Akan, especialmente dos Asante, de usar roupas decoradas com símbolos *Adinkra* em ocasiões importantes, especialmente em funerais de parentes e amigos. Isto é para significar sua tristeza e despedir-se do falecido.

Hoje, o tecido Adinkra não é usado exclusivamente pelo povo Asante. É usado por outros grupos étnicos em Gana e da África ocidental em uma variedade de eventos sociais, encontros e ocasiões festivas. Esses símbolos eram inicialmente utilizados em tecidos, cerâmica, pinturas, estampas, joias de ouro e outros materiais, esculturas de madeira e metal, bem como incorporados em paredes e outras características arquitetônicas como grades de portões e janelas. “Este sistema de escrita é uma forma de comunicação milenar considerada Sagrada, muito avançada e muito bem-elaborada. Espalhou-se depois pelo mundo inteiro com as invasões coloniais” (SONGBE, 2023).

Aqui no Brasil, a *Adinkra* está presente em elementos arquitetônicos como grades, portões, janelas, paredes, sacadas, forros, azulejos etc. Mas também são muito utilizados em tatuagens, na moda, em joias e diversos acessórios. Entretanto, vamos nos interessar aqui especificamente pelas grades de portões e janelas em ferro.

Simbolismo Adinkra

Os símbolos Adinkra são uma tecnologia ancestral africana, elementos arquitetônicos e sistema de escrita composto por centenas de símbolos de escritas que expressam fatos históricos, filosofias, sabedorias e provérbios africanos (Akan), normas sociais, valores tradicionais, códigos de condutas, comportamentos humanos e atitudes, crenças e muito mais.



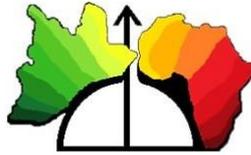
SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Adinkra é um conjunto de ideogramas que tem como objetivo valorizar e preservar o legado e as tradições africanas transmitindo valores e conhecimentos ancestrais. Esse sistema de escrita sagrado conta com elementos simbólicos presentes na cultura, na arquitetura e no cotidiano africano (Akan). Cada um dos ideogramas possui um significado. Vamos conhecer alguns deles na apresentação do levantamento realizado no centro histórico de Belém onde esses mestres metalúrgicos, ferreiros, construtores e arquitetos da África ocidental (Akan) deixaram marcas do seu conhecimento e cultura.

Pesquisas mostram que esses símbolos entraram nos desenhos encontrados em cercas de ferro forjado criadas por pessoas escravizadas da África Ocidental que trabalhavam como ferreiros em Nova Orleans e outras cidades dos Estados Unidos. Em *Breaking Down Fences – Revealing The Past*, de Waltrina Kirkland-Mullins, a autora escreve sobre o trabalho desses ferreiros da África Ocidental: "Seu know-how artesanal foi transferido e incorporado à estrutura americana sem recompensa ou reconhecimento". Mais tarde, ela escreve... "Os artesãos de Asante eram hábeis em criar símbolos decorativos em objetos de madeira e metal; embora muitas vezes não anunciado nos arquivos da história... Note-se também que a maioria dos escravos não recebia remuneração ou reconhecimento pelos serviços prestados."

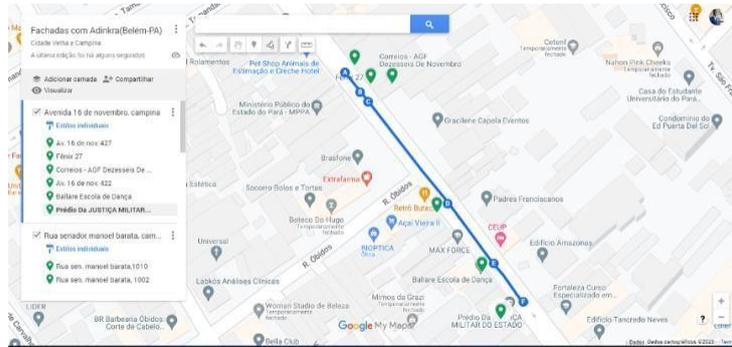
Levantamento dos Elementos Encontrados no Centro Histórico de Belém e Significados

Mapas com a inserção da localização de algumas fachadas com elemento Arquitetônico *Adinkra* Nos Bairros Da Campina E Da Cidade Velha.



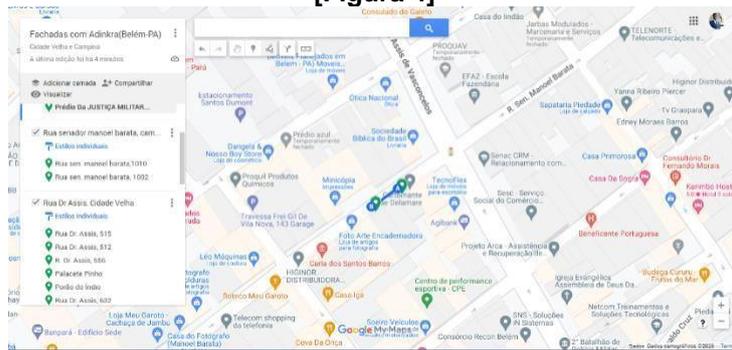
SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

[Figura 3]



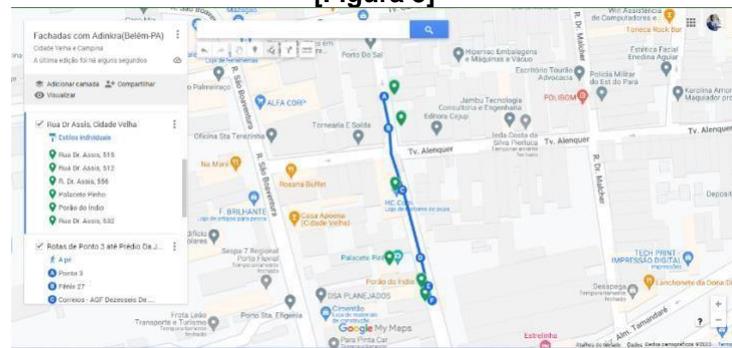
Songbe, Mapa Av. 16 de Novembro, 2013. Fonte: [Sonbe].

[Figura 4]



Songbe, Mapa da Rua Senador Manoel Barata, 2013. Fonte: [Sonbe].

[Figura 5]



Songbe, Mapa da Rua Dr. Assis, 2023. Fonte: [Sonbe].



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Alguns Elementos Arquitetônicos “Adinkra” Identificados n os Bairros Da Campina e da Cidade Velha

DWENNIMMEN

Chifres de Carneiro. Símbolo de humildade junto com a Força. O carneiro lutará ferozmente contra um adversário, mas também se submeterá humildemente ao abate, enfatizando que mesmo os fortes precisam ser humildes. [Figura 6 e 7]

NYAME DUA

Árvore de Deus (toco sagrado).

Um símbolo da presença e proteção de Deus. [Figura 8 e 9]

ASASE YE DURU

A terra tem peso.

Um símbolo da providência e da divindade da Mãe Terra.

Este símbolo representa a importância da Terra na sustentação da vida. [Figura 10,11 e 12]

AHODEN

“Energia”

Símbolo de energia, vitalidade e força. [Figura 13,14]

ODO NNYEW FIE KWAN

“O amor não perde o caminho de casa”.

Quem é guiado pelo amor sempre acaba no lugar certo. [Figura 15,16]

SANKOFA

“Volte e pegue-o” Um símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro. Do provérbio Akan, "Se wo were fi na wosan kofa a yenkyiri", que significa:



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

"Não é tabu voltar atrás pelo que você esqueceu (ou deixou para trás)." É uma filosofia africana que nos ensina sobre a importância de não esquecermos do nosso passado, das nossas raízes, a importância de aprender com o passado para poder construir melhor no presente o nosso futuro.

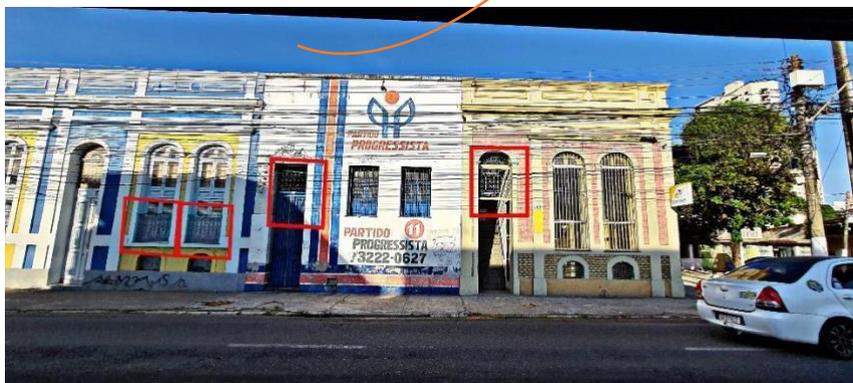
O símbolo Sankofa é um dos mais conhecidos dos muitos símbolos, e é tipicamente apresentado em uma das duas formas. Uma versão mostra um pássaro com a cabeça virada para trás colocando um ovo em suas costas. Já a outra mostra um coração com finais ornamentados. [Figura 17,18]

Figura 6: DWENNIMMEN



Songbe, Dwennimen, 2023. Fonte: [Dicionário Adinkra/Songbe]

Figura 7: Av. 16 de Novembro



Songbe, Fachada em Av. 16 de Novembro, 2023. Fonte: [SONGBE, P. R.]

Figura 8: NYAME DUA



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem



Songbe, Nyame Dua, 2023. Fonte: [Dicionário Adinkra/Songbe]

Figura 9: NYAME DUA



Songbe, Fachada em Av. 16 de Novembro, 2023. Fonte: [SONGBE, P. R.]



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Figura 9: ASASE YE DURU



Songbe, Asase Ye Duru, 2023. Fonte: [Dicionário Adinkra/Songbe]

Figura 10: ASASE YE DURU



Songbe, Fachada em Av. 16 de
Novembro, 2023.
Fonte: [SONGBE, P.
R.].

Figura 11: ASASE YE DURU



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Figura 12: ASASE YE DURU



Songbe, Fachada em Rua Senador Manoel Barata. Fonte: [SONGBE, P. R.].

FIGURA 13: AHODEN



Songbe, Ahoden, 2023. Fonte: [Dicionário Adinkra/Songbe]



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

FIGURA 14: AHODEN



Songbe, Fachada em Av. 16 de Novembro, 2023. Fonte: [SONGBE, P. R.].

FIGURA 15: ODO NNYEW FIE KWAN



Songbe, Odo Nnyew Fie Kwan, 2023. Fonte: [Dicionário Adinkra/Songbe]

Figura 16: ODO NNYEW FIE KWAN



Songbe, Fachada na Rua Dr. Assis, 2023. Fonte: [SONGBE, P. R.]



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Figura 17: SANKOFA

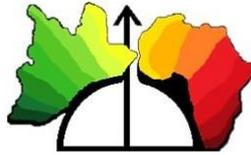


Songbe, Fachada na Av. 16 de Novembro, 2023. Fonte: [Songbe].

Figura 18: SANKOFA



Songbe, Fachada na Rua Dr. Assis, 2023. Fonte: [SONGBE, P. R.]



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A negação da história e das conquistas intelectuais dos povos negros africanos é o assassinato cultural, mental, que já precedeu e preparou o genocídio aqui e ali no mundo (CHEIKH ANTA DIOP, 1981).

A filosofia Sankofa reforça a importância da memória na construção da nossa identidade, do nosso futuro. Tudo indica que além do seu valor estético, arquitetônico e cultural, os trabalhadores escravizados Africanos deixaram de propósito e de forma subliminar essa mensagem para seus descendentes reforçando e lembrando a eles a importância de nunca esquecerem de onde vieram para a construção e preservação da sua identidade e história.

Este trabalho é essencial para resgatar essas memórias do povo negro do Brasil, trazendo uma outra narrativa, o outro lado da história, a versão do povo oprimido pelo olhar de um nativo africano que observou, vivenciou e estudou os dois locais (Brasil-continente africano). E assim, contribuindo para reconstrução não somente da identidade, mas também da reconstituição da história da produção tecnológica e científica dos negros africanos escravizados no Brasil.

Sabemos que a história ensinada, a narrativa conhecida e divulgada, e as crenças e pensamentos coletivos insistem em negar as contribuições africanas em todas as áreas, inclusive na arquitetura brasileira.

Os africanos que foram deportados para o Brasil não eram apenas corpos sem conteúdo, eram pessoas que foram arrancadas de sociedades organizadas com conhecimentos sofisticados.

Os africanos que foram trazidos para o Brasil, não só trouxeram esse sistema de escrita, mas também toda a tecnologia e conhecimento para essa concepção. E isso é só a ponta do iceberg da riqueza da contribuição de nossos ancestrais africanos. As mãos africanas que construíram o Brasil detinham conhecimentos sofisticados, inteligência, ciência e tecnologia em todas as áreas. Inclusive,



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

ensinaram ao colonizador, mas sabemos quem de fato levou os créditos (SONGBE, 2023).

O discurso vulgar sobre o continente africano, presente em muitos dos enunciados científicos, vinculou as sociedades africanas como estrangeiras para si mesmas e o Ocidente como o salvador desse estrangeiro perdido no tempo – sociedades que são limitadas à vida de repetições, simplistas, de crenças primitivas (MBEMBE, 2015).

O resgate e a valorização dessas memórias são fundamentais para a compreensão da história e inclusão de todos os povos que foram atores dela na diáspora. Esses elementos constituem uma riqueza tanto para o Patrimônio Paraense quanto para o Patrimônio Africano. No entanto, percebi durante meu intercâmbio que o ensino sobre a Arquitetura Brasileira é Eurocêntrico e não apresenta referências arquitetônicas de matriz africana, sendo essencial que sejam ampliadas as pesquisas nesse âmbito, a fim de ampliar o conhecimento acerca da diversidade de contribuições étnicas na produção da Arquitetura Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGYEKUM, Kofi (2004). The sociolinguistic of Akan personal names. *Nordic Journal of African Studies*.

ANIAGYEI, Robert (2007). The role of Adinkra symbols in the indigenous knowledge systems of the Asante of Ghana. *Journal of Science and Technology* 27(3): 1–12.

ARRUDA, Tainá Chermont; SANJAD, Thais Alessandra Bastos Caminha (2017). Ornamentos de platibanda em edificações de Belém entre os séculos XIX e XX: inventário e conservação. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 341–388, 2017. DOI: 10.1590/1982-02672017v25n0310. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/146201>.. Acesso em: 19 out. 2024.

CUNHA JÚNIOR, H. (2010). Tecnologia africana na formação do povo brasileiro. CEAP <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14999>

DICIONÁRIO ADINKRA - <https://ayeeko.africa/blogs/blog/adinkra-symbols-and-meaning>



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

DICIONÁRIO ADINKRA de W. Bruce Willis. <http://adinkra.lassanay.net/>.

GLOVER, A. (Prof.), Adinkra symbolism, Artiste Alliance Gallery, Omany House, Accra. Ghana. 1992.

JECTY, Ruby (2022). Mastering Adinkra symbols: An establishment of positive Ghanaian personality in the next generation. *Global Journal of Human-Social Science: G Linguistics & Education* 22(2): 1–10.

MBEMBE, A. (2015). O tempo que se move. *Cadernos De Campo* (São Paulo 1991), 24(24), 369-397. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p369-397>

MIRANDA, Cybelle Salvador, Ruínas, duração e patrimonialidade. *Rua (UNICAMP)*, v.2, p.407 - 424, 2016

PALHA, Bárbara da Fonseca. *Escavidão negra em Belém: mercado, trabalho e liberdade (1810- 1850)*. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4556>

SILVA, Lucas César Rodrigues da; DIAS, Rafael de Brito. As tecnologias derivadas da matriz africana no Brasil: um estudo exploratório. *Linhas Críticas* [online]. 2020, vol.26, e28089. Epub 25-Ago-2020. ISSN 1981-0431. <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.28089>.

SONGBE, Peres R. ADINKRA: O Antigo e sagrado sistema de escrita Africana presente em elementos Arquitetônicos no Brasil. 14 de fevereiro de 2023.

<https://www.otempo.com.br/interessa/adinkra-o-antigo-e-sagrado-sistema-africano-deescrita-1.2813424?fbclid=PAAabD0GrmoB4QWnrqcbh2NycvA45bjOHqoiNNo6rkpEwhMt11tHZ BMheT L5s>